

**RELATO PESSOAL
MECÂNICO VENEZUELANO É AGREDIDO**

Fui agredido sem saber o motivo. Queimaram nossas barracas, nossas roupas, levaram uns cacarecos, panelas, talheres. Aqui no acampamento (que nem sei mais se é acampamento) as pessoas gostam de mim, levanto cedo, ganho uns trocados e trago comida pra todos, é Alexander daqui, Alexander dali. Faz quatro meses que viemos de El Tigre, na Venezuela tava difícil, lá ninguém mais é dono de nada, perdemos carro, casa, e então resolvemos tentar a sorte aqui no Brasil. A viagem foi dura, vimos companheiros morrerem, nem gosto de lembrar. Agora estamos aqui, em Pacaraima, em Roraima. Nunca tinha ouvido falar desse lugar. O povo daqui não é nada hospitaleiro, aliás, é desumano, violento, me bateram de graça. Queria que eles soubessem que ninguém sai de seu país porque quer – há sempre um motivo grave, por exemplo, a falta de segurança, a perseguição, a fome. A Venezuela já bateu 800%. Fugimos pra tentar sobreviver. Não sei há quantos dias não tomo banho. Aqui no abrigo, mesmos os chuveiros frios são disputadíssimos. À certa altura da noite, a água é cortada. Sou mecânico dos bons, meu filho é lanterneiro (martelinho de ouro, como dizem aqui), queríamos arranjar emprego em qualquer oficina, daríamos lucro pra quem nos empregasse. Mas o povo quer nos expulsar. Decerto pensam que nós somos bandidos – mas não somos. Queremos apenas viver dignamente, trabalhar, ganhar, gastar, comer. Durante o ataque, o povo fez uma pilha de pneus, e ateou fogo. Aquilo não tinha me intimidado, mas vieram uns camaradas, por trás, e me bateram, deram pauladas, tenho hematoma no corpo todo. Eu não fui o único que apanhou, o Diego, o Nico e a dona Olga (coitada, já velha) também. Com o tumulto, muitos companheiros resolveram ir embora daqui, pé no chão, não sei se voltam pra Venezuela, ouvi o Diego dizer que é melhor morrer de fome na Venezuela do que morrer aqui, agredido por brasileiro. Talvez uma parte volte, outra fique por aqui, contando com a caridade das pessoas que veem no meio da caminhada. De vez em quando dão um prato de comida, uma penca de banana madura, uma camiseta, um par de chinelos. Banho, quase nunca. Tem a lei da ajuda humanitária, mas nem sempre funciona. Eu e minha família ficamos por aqui, quem sabe amanhã não vai ser melhor do que hoje, deve ter brasileiro bom. A primavera de 2018 está chegando.

(Por Gislaine Buosi)